

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175- 974X

lugares do habitar
places of living
sem 1 - 11

Como citar este texto: LOBO, D. A. Espaço público: risco, a participação e o "novo público móvel". Traduzido do inglês por Vitor Losciento Sanches. **VIRUS**, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=4&item=7&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Espaço público: risco, participação e o "novo público móvel"

Daniel Azeredo Lobo

Daniel Lobo é Arquiteto-Urbanista e Mestre em Estudos Urbanos, presentemente a pesquisar no Departamento de Geografia do *University College London*, Reino Unido, onde estuda a noção de risco no espaço público urbano.

Resumo

Esse artigo pretende analisar dois projetos de arte: a instalação "Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor" de Sagmeister Inc., e o "Museu da Não Participação" de Karen Mirza e Brad Butler. São projetos particularmente interessantes, pois ambos são sujeitos narrativos e artefatos físicos ligados à vida quotidiana das pessoas no contexto urbano, que desafiam e ampliam a nossa relação com a cidade. Esses projetos são analisados segundo a sua contribuição para discussões atuais sobre o conceito de público, para o qual as noções de risco e participação envolvidas em cada um dos projetos de arte são fundamentais tendo em conta algumas das proposições teóricas mais pertinentes sobre vida pública e espaço público. Considerando a influência que as novas tecnologias de transporte e comunicação têm tido na transformação do conceito de "novo público móvel" e as suas implicações sobre a forma como entendemos as dinâmicas das relações sociais, são justapostas duas metáforas utilizadas atualmente para significar essas dinâmicas dando sentido a abordagens contemporâneas de publicidade, e reconhecendo a importância das questões do risco e da participação retratadas pelos referidos projetos de arte como uma forma eficiente de levar avante a discussão.

Palavras-chave: espaço público, vida pública, público móvel, risco, participação.

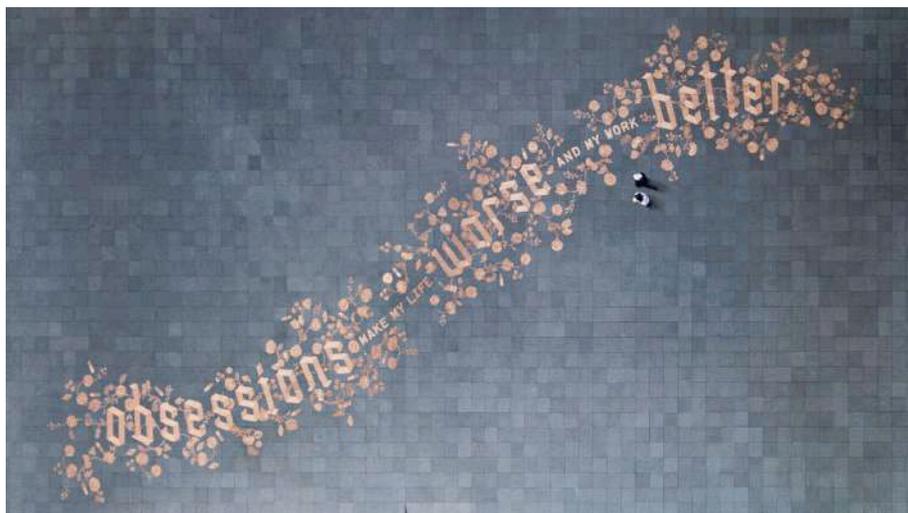
Risco: "Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor"



Figura 1. Instalação de arte "Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor" de Sagmeister Inc. (Richard The, Joe Shouldice, Stefan Sagmeister) during *ExperimentaDesign*, Amsterdã 2008. Imagem por Jens Rehr. Fonte: <http://www.sagmeister.com>.

Apresentada como parte do evento *ExperimentaDesign Amsterdam 2008*, a instalação de arte de Sagmeister criada num espaço público para o projeto *Urban Play*¹, desempenhou um papel interessante e particularmente especial no que se refere à questão do risco na vida e espaço públicos.

A instalação, feita com 350.000 moedas de um centavo de Euro, cumpre bem o objetivo do projeto *Urban Play*. Moradores, visitantes e autoridades se tornaram parte fundamental da força por trás do objeto que afetou a regulação e ocupação do espaço público naquele contexto em particular onde a noção de risco se tornou o gatilho para a *raison d'être* da instalação.



¹ *Urban Play* é um projeto que visa estimular a intervenção de desenho urbano fora dos canais formais das instituições, comissões e planejamento urbano, e faz parte de um movimento de desenho urbano, muitas vezes conhecido como *guerrilla design* ou "Graffiti 3D". Essa onda de criatividade urbana tem, entre outras coisas, explorado e desafiado as regras de engajamento entre os cidadãos e autorizado expressões urbanas criativas. Enquanto alguns dogmas sociais têm rejeitado a maioria das intervenções urbanas informais como forma de vandalismo, ao centro deste movimento de desenho urbano DIY ["do it yourself" - faça você mesmo] existem inovadores e sofisticadas intervenções urbanas que desafiam e ampliam profundamente nossa relação com a cidade.

Figura 2. Instalação de arte "Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor" de Sagmeister Inc. (Richard The, Joe Shouldice, Stefan Sagmeister) during *ExperimentaDesign*, Amsterdã 2008. Imagem por Jens Rehr. Fonte: <http://www.sagmeister.com>.

Eis como a história aconteceu. Na manhã do segundo dia do evento, a polícia de Amsterdã recebeu uma ligação de um morador de um prédio das redondezas para informar que a obra estava sendo roubada. Na verdade, as pessoas estavam embolsando algumas das moedas, o que já era esperado, mas, após serem vistas pelo referido morador, o destino da instalação estava prestes a mudar. A polícia de Amsterdã respondeu imediatamente, e em questão de minutos, para proteger a obra, os agentes da polícia varreram toda a instalação (BURNHAM, 2008).

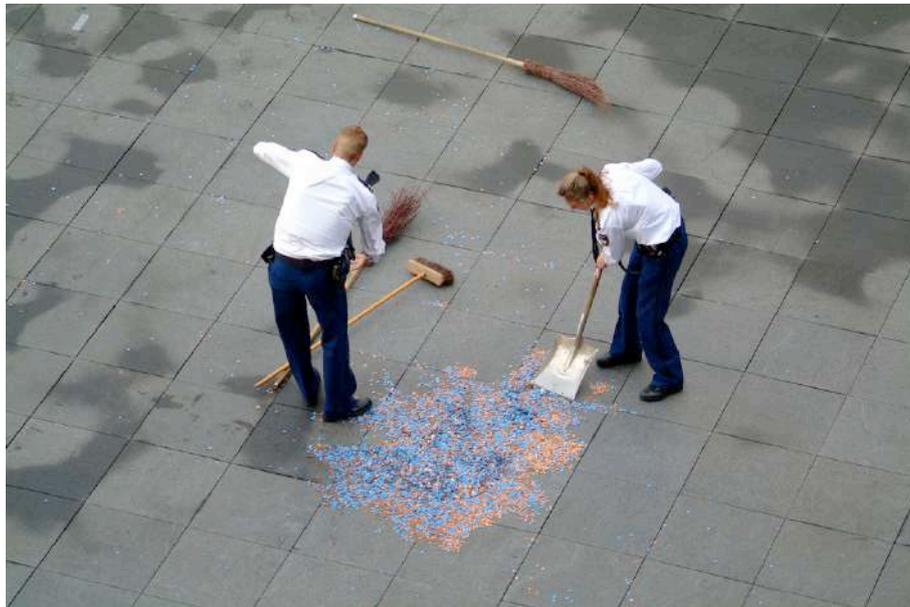


Figura 3. Instalação de arte "Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor" de Sagmeister Inc. (Richard The, Joe Shouldice, Stefan Sagmeister) during *ExperimentaDesign*, Amsterdã 2008. Imagem por Anjens via Flickr. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/anjens>.

Se esse era um resultado esperado pelo artista, não se sabe, mas uma coisa é certa: o cálculo do risco percebido esteve no cerne de sua obra. Parece claro que, ao colocar moedas de um centavo num espaço público sem qualquer policiamento ou outra fiscalização preventiva, Sagmeister permitiu que o risco de alguém embolsar as moedas de um centavo estivesse presente como parte da própria instalação ("A regra de coisas típicas" (GARDNER, 2008, p. 48)). O fato de as moedas de um centavo terem sido reunidas e apresentadas como uma peça de arte pública (notoriamente figurativa), sem que ninguém soubesse que embolsar as moedas fazia parte da instalação, fez o ato de embolsar uma moeda bastante mais arriscado do que embolsar uma moeda perdida em qualquer outro lugar, mesmo considerando o pequeno valor monetário envolvido. De fato, isso permitiu que aquele ato fosse tomado como é habitualmente, como um ato de destruição, vandalismo e roubo de um objeto público de arte, ou mesmo um ato responsável por causar desordem pública. No entanto, as pessoas embolsaram algumas moedas apesar das consequências que terão considerado ("A regra do

exemplo” (GARDNER, 2008, p. 54)), onde fazê-lo ou não dependeu apenas do ponto de vista de cada um na sua interação com a obra e da sua percepção dos riscos envolvidos na ação.

O fato da instalação ter sido colocada nesse lugar em específico, ou seja, num lugar que permitia a existência do risco de vigilância de moradores que informariam a polícia se vissem alguém embolsando a obra, tornou possível o envolvimento de muitas pessoas com diferentes níveis de percepção de risco num espaço público. Mas, mais especificamente, permitiu que a cidade fosse usada como um lugar para arriscadas intervenções urbanas públicas, em que mesmo as autoridades da cidade puderam desempenhar um papel importante na contestação da sua noção de risco percebido e real, mesmo tendo acabado eventualmente por varrer uma instalação inteira com uma eficiência deveras curiosa (veja o vídeo em http://www.youtube.com/watch?v=av4mLRiCAxo&feature=player_embedded).

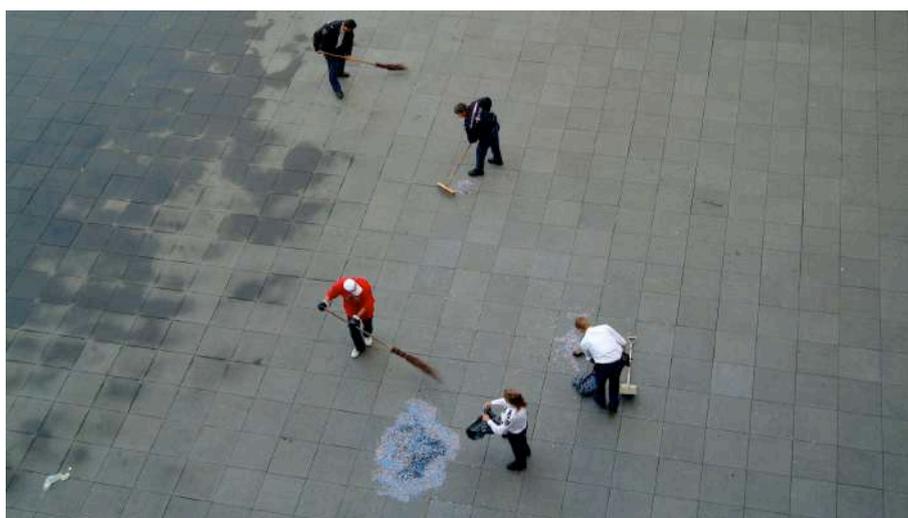


Figura 4. Instalação de arte “Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor” de Sagmeister Inc. (Richard The, Joe Shouldice, Stefan Sagmeister) during *ExperimentaDesign*, Amsterdã 2008. Imagem por Jens Rehr. Fonte: <http://www.sagmeister.com>.

Aqui o risco foi utilizado como uma forma de tornar mais claras as limitações que, preconceitos de medo, arte pública e crime têm. Nem os indivíduos que embolsaram consideraram bem as consequências de seus atos em relação aos outros que queriam manter a obra como era originalmente, nem os residentes agiram em prólogo da liberdade coletiva que se poderia ter na transformação física daquela obra, nem a polícia considerou a possibilidade das autoridades da cidade terem permitido o embolso da instalação. No entanto, a verdade é que a instalação não poderia ter sido mais bem sucedida em suas realizações.

Essa instalação pública de arte faz refletir sobre a epistemologia do risco utilizada na vida e nos espaços públicos atuais. Como é que o isolamento do envolvimento com esse tipo específico de risco num espaço público está ajudando a criar espaços públicos melhores, e usuários do espaço público e cidadãos em geral mais conscientes, quando ele nos impede de experimentar interações sociais mais ricas, que interessantes e inofensivas transformações físicas do espaço público podem conceber? Esse tipo de interação e transformação física representa um risco longe de se tornar benéfico para a sociedade como um todo? Esse é

claramente um caso em que se pode notar o quão autolimitados nos temos tornado quando a preocupação em evitar o pior significa limitar a vontade de alcançar algo melhor da vida pública e dos espaços públicos (BECK, 1992, p. 49).



Figura 5. Instalação de arte "Obsessões Fazem a Minha Vida Pior e o Meu Trabalho Melhor" de Sagmeister Inc. (Richard The, Joe Shouldice, Stefan Sagmeister) during *ExperimentaDesign*, Amsterdã 2008. Imagem por Anjens via Flickr. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/anjens>.

Participação: "O Museu da não participação"



Figura 6. Projeto transcultural de investigação artística "Museu da Não Participação" dos artistas Karen Mirza e Brad Butler. 'Intervenção Banner do Museu', Karachi, 2008. Imagem por Karen Mirza and Brad Butler. Source: www.mirza-butler.net

Tudo começou durante os protestos do Movimento dos Advogados Paquistaneses, em Islamabad. Dois artistas - Karen Mirza e Brad Butler - estavam visitando a Galeria Nacional de Arte, quando de uma das salas de exposição, eles experienciaram uma sensação estranha ao testemunhar através da janela os protestos que, naquele momento, haviam se tornado

violentos. Isso os impressionou fortemente, porque estando num contestado espaço da imagem - a galeria de arte - eles estavam olhando para um outro espaço contestado onde a imagem observada se apresentava altamente carregada de violência real.

Esse evento deu origem ao projeto transcultural de investigação artística "O Museu da Não Participação" (ver ARTANGEL, 2009). A ideia foi criar um museu como uma instituição *pop-up* que iria se apropriar da cidade como seu espaço e seu artefato, e teria seus cidadãos simultaneamente como usuários e criadores do museu. O projeto desenrola-se em muitas manifestações diferentes, tais como conversas, atividades e narrativas seguindo várias linhas de diálogo entre diferentes pessoas, lugares e contextos. A imagem da Figura 6 é uma pequena, mas não menos importante parte daquelas manifestações, onde vemos parte de um espaço público decrépito em Karachi, com um dos *banners* de texto que demarcava o museu na cidade, anunciando uma nova forma de a percorrer e observar, e na qual o grupo de crianças se torna parte integrante do museu, tanto como sujeitos narrativos quanto como usuários. A imagem mostra a importância do uso de texto na cidade como veículo que promove discussão, e que, por sua vez, informa o trabalho dos artistas e estimula a criação de novos paradigmas e preocupações.

Em suma, a mensagem, suportada pela imagem e pelo texto, abre o espaço para conversas que descubrem os padrões e as realidades da vida quotidiana com outras linguagens e vozes que não somente aquelas retratadas pela mídia ocidental. Isso gera redes de conhecimento e de pessoas que, por sua vez, formam elas mesmas seus espaços de resistência. A imagem aqui também é transformada num veículo que, no mundo globalizado de restrições de conflitos e divisões sociais e econômicas, intervém sobre a questão da espacialidade da participação e não participação pública a um nível global, quer seja em Karachi, Londres ou em outro lugar.

O conceito de museu que o projeto de arte concebeu está oscilando entre objeto e processo, e volta à noção grega de museu: uma extensão sem fronteiras entre a arte e a vida, um lugar para uma aprendizagem dinâmica e contínua. Ele questiona a desgastada palavra *participação* e, a partir dela, outros conceitos são questionados, tais como espaço de resistência, cidade, arquitetura e democracia, imagem e linguagem. A não participação aqui é utilizada como um conceito de provocação, um paradoxo que de forma divertida engaja com a discussão acerca do problema da participação e não participação pública, e nos faz pensar sobre nossas escolhas, necessidades e motivações quando participamos, seja em locais como Karachi ou em outro lugar. No entanto, ao expor a realidade crua de Karachi, em que as dinâmicas geopolíticas aumentam a necessidade de participar em movimentos de resistência violenta, o projeto desafia os significados de nossa própria condição nos contextos em que participamos.

Esse projeto questiona noções de publicidade, participação e democracia ao contrastar a noção ocidental de espaços museológicos e padrões de vida, com a realidade cruel do modo de vida vivido pela maioria da população de Karachi, que em contraste com os proprietários de

automóveis com ar-condicionado, dependem de estratégias básicas de sobrevivência, tal é a brutalidade dessa cidade, vítima da confluência massiva de capital global.

O espaço público e o conceito de "novo público móvel"

O conceito de espaço público tem sido debatido desde a "queda do antigo regime e a formação de uma nova cultura urbana capitalista e secular" (SENNETT, 1977, p. 16). Esse conceito tem sido o centro de importantes debates dentro de várias disciplinas, tais como filosofia, geografia, artes visuais, estudos culturais e sociais, arquitetura e projeto urbano. Perguntas como "o que faz um espaço ser público?", "quem é o público?" e "como a pesquisa deveria servir o interesse público, uma vez que esse interesse é quase impossível de encontrar?" (STAEHEIL; MITCHELL, 2007, p. 793) têm-se tornado o centro de perspectivas controversas de acadêmicos, ativistas e órgãos políticos.

A definição de espaço público, como é normalmente estabelecida pelas leis públicas do governo, pode ser abstratamente traduzida como: um espaço legal e temporalmente definido pela legislação de um determinado território, que se aplica a um grupo específico de indivíduos, em termos de sua utilização, propriedade e razão de ser, e que, apesar de poder ter ou não uma forma material identificável, é uma arena fundamental na definição e manutenção do individualismo e o coletivismo humano. Como qualquer outro termo definido por lei, ele contraria a anarquia e existe como uma ferramenta de mediação com a qual uma determinada sociedade pode funcionar, a fim de acordar individualmente sobre a definição de certos espaços para um melhor funcionamento do coletivo como um todo. Portanto, num esforço para proteger o equilíbrio e a ordem de um determinado grupo numa determinada sociedade, torna-se um conceito "bolha", que se faz eficaz na medida em que o equilíbrio dinâmico entre o que ele inclui e exclui impede a "bolha" de rebentar.

Sejam quais forem as definições jurídicas do termo, sendo mais ou menos inclusivas ou flexíveis, e independentemente de adotar uma abordagem pró-individualista ou do pró-coletivista, o espaço público está diretamente relacionado com a expressão da nossa condição humana mais inerente: a relação entre o eu e o outro. A definição por lei desta relação é assim altamente política, por isso o termo espaço público e os próprios espaços públicos tornam-se mais ricos e responsavelmente humanizados na medida em que esta relação tende a existir em nome das relações humanas, expressões e influências políticas livres, igualitárias e cuidadosas, quer se pratiquem dentro ou fora da "bolha".

Atualmente, a literatura sobre o tema sugere que o espaço público no mundo ocidental não representa mais o espaço do público, mas apenas de uma parte estritamente prescrita dele (MITCHELL, 1995, p. 120). Para muitos críticos isso é devido a princípios modernos de uma natureza de espetáculo altamente mercantilizada, concebidos para o lucro, a segurança e para manter a estabilidade social e política, o que tem implicações determinantes no valor de troca das relações humanas. Isso tem criado espaços que não permitem a direta interação social em

público, livre de mediação, e que diminui a interação das pessoas com o público real (ou seja, o público que abrange todos, incluindo os sem-abrigo e os ativistas políticos), cuja legitimidade como membros do público está-se tornando injustamente duvidosa (MITCHELL, 1995, p. 120).

De acordo com Mimi Sheller, os públicos móveis têm agora novas formas de mobilização e espacialização que sustentam a participação do público e, portanto, afetam a vida pública em geral (SHELLER, 2003). Embora ainda haja pouca pesquisa sobre os verdadeiros efeitos das novas formas de públicos, o estudo das suas próprias dinâmicas, confusas e "gelificantes", permitirá uma melhor compreensão da natureza das novas interações sociais móveis.

A introdução das novas tecnologias de comunicação no cotidiano das sociedades contemporâneas em todo o mundo tem permitido um aumento da participação social, política e cultural dos povos e regiões mais marginalizados. No entanto, elas também podem ser uma ameaça à dimensão pública e à interação social, levando ao declínio da participação democrática, da coesão cívica e, em suma, do capital social.

No final de 2009, de acordo com a União Internacional de Telecomunicações, havia aproximadamente 4,6 bilhões de assinaturas de celulares no mundo, com a tendência de crescimento em número e em desenvolvimento tecnológico, uma vez que "a barreira entre celulares e computadores está cada vez menor" (NAGATA, 2009). De fato, os telefones celulares têm tido amplas implicações culturais e sociais, na medida em que mudam a natureza da comunicação e afetam identidades e relacionamentos. Segundo a Dra. Sadie Plant (2006, p. 23), "ele afeta o desenvolvimento das estruturas sociais e das atividades econômicas, e tem influência considerável sobre as percepções que seus usuários têm de si mesmos e do seu mundo". Alguns fatos interessantes tornaram-se conhecidos a partir de um estudo sobre celulares dirigido pela Dra. Plant:

Para algumas pessoas, os contatos sem esforços e as mensagens breves descomprometidas tornadas possíveis graças ao celular são formas de evitar os tipos de interações mais imediatos e próximos. Um serviço japonês permite que os usuários cortejem "namoradas virtuais" pelo celular e muitos adolescentes têm dezenas, às vezes centenas, de *meru tomo*, "amigos de e-mail", que podem nunca encontrar pessoalmente e se conhecem somente através do *keitai*. Muitas dessas amizades envolvem personalidades construídas e por vezes redes complexas de múltiplas *personas* e relações ambíguas. Para alguns adolescentes, tais amigos virtuais podem atuar como substitutos dos amigos reais, assim como os *videogames* podem substituir suas vidas reais. Um estudante japonês manifestou preocupações sobre os usuários mais jovens dos *keitai* estarem se tornando cada vez menos capazes de comunicações sociais diretas. Eles dependem da tecnologia para conversar. Eles frequentemente são capazes de coletar informação, mas não de utilizá-la, e eu sou frequentemente surpreendido por suas respostas emocionais estranhas. (PLANT, 2006, p. 59).

Vários colaboradores alegaram que o celular deixa as pessoas incapazes de apreciar os desafios e as oportunidades que o "tempo morto" pode proporcionar. Em Chicago, um grupo de jovens intelectuais expressou a preocupação de que tal conectividade pode prejudicar até mesmo a autoconfiança das pessoas, tornando-as incapazes de agirem sozinhas,

e deixando-as dependentes do celular como fonte de assistência e aconselhamento. Raramente isolada por falta de comunicação, a pessoa com um celular está menos exposta aos caprichos do acaso, e é pouco provável que seja lançada aos seus próprios recursos, ou encontre aventura, surpresa ou o mais feliz dos acidentes. (PLANT, 2006, p. 61).

Com a nova dinâmica trazida pelas novas tecnologias de comunicação e transporte, uma nova ordem social e espacial, reconhecida por Castells como "espaço de fluxos" ou por alguns geógrafos urbanos como "a 'liquefação' da estrutura urbana", a vida pública tem sido afetada, e para a qual as noções de risco e participação desempenham um papel importante.

Sheller coloca duas perguntas fundamentais sobre esta questão: "Que mecanismos animam a sociabilidade líquida? Que agências estão trabalhando para gelificar ou evaporar as ligações sociais?" (SHELLER, 2003, p.47). Muitos pessimistas veem esta "sociabilidade líquida" como uma ameaça ao próprio capital social, o que poderá ser exemplificado por analogia aos casos de risco e participação explorados acima. Em ambos os casos, o isolamento do engajamento com a vida e os espaços públicos produziu atitudes de descuido em relação à vida pública e aos espaços em si, uma vez que impediu em grande medida de saber o efeito de tal engajamento sobre os espaços e sobre os outros.

No entanto, a resposta à primeira questão pode-nos mostrar algo mais. Os mecanismos que animaram a "sociabilidade líquida" eram de fato muito tangíveis e físicos, e seu impacto teve efeitos maiores, discutivelmente porque eles atuaram na dimensão física do espaço público. A entrada deste acontecimento bastante tangível e público na chamada "sociabilidade líquida" só aconteceu depois, ampliado pelas novas tecnologias de comunicação: as câmeras que registraram as cenas, a *internet* utilizada para exibir /promover e discutir os efeitos em cadeia da instalação de Sagmeister e do projeto de Mirza e Butler etc..

Em resposta à segunda questão, o fato de ter havido um crescente desprendimento com experiências comunicacionais públicas físicas/presenciais, pode talvez ser a explicação para, no caso da instalação de Sagmeister, a pessoa que relatou o roubo, o ter feito antes sequer de iniciar uma conversa com a pessoa que estava embolsando as moedas, ou mesmo antes de considerar que embolsar as moedas não era de fato um roubo.

Podemos especular sobre as muitas razões por tal ter acontecido, e especular também sobre as muitas razões pelas quais o protesto dos advogados acabou dando origem ao projeto de arte "Museu da Não Participação", mas o fato é que a instalação e o museu "evaporaram" fisicamente, mas não completamente. Bem que o oposto. O desaparecimento do artefato físico gerou um contra efeito amplificado desproporcionalmente através das novas tecnologias de comunicação, o que permitiu a "gelificação" de muito mais interações sociais do que seria possível se, por outro lado, o artefato existisse unicamente em sua forma física.

Parece não haver uma resposta direta quanto ao fato de as "sociabilidades líquidas" e os "espaços de fluxos" criados pelo novo público móvel serem de fato mais benéficos ou mais prejudiciais para a vida pública e espaços públicos. No entanto, é evidente que uma nova

espécie de rede para além da perspectiva da teoria da rede é agora uma realidade dada. Aspectos intrínsecos e instrumentais da dimensão social trazidos pelo novo público móvel devem ser agora entendidos à luz de suas próprias complexidades. Embora a complexidade da questão possa muitas vezes tornar menos óbvio o caminho a seguir, a complexidade não é a razão para os atuais espaços parasitários de ação pública (ver BARNETT, 2008). Como argumenta Barnett, "na teoria democrática, a dimensão humana está instrumentalmente relacionada com a manutenção da legitimidade de vincular a tomada de decisões coletivas". No entanto, poderosas forças de privatização, de exclusão social e as desigualdades que delas advêm estão comprometendo o caminho para uma vida mais democrática e participativa, onde é instrumental identificar as possibilidades do novo público móvel para uma participação consenso-conflitual agonística², para a qual a compreensão e o uso da compreensão de conceitos como o risco e a participação desempenham um papel fundamental.

Referências

ARTANGEL. **Karen Mirza and Brad Butler**: the museum of non participation. Disponível em: <http://www.artangel.org.uk/projects/2008/the_museum_of_non_participation>. Acesso em: 2 fev. 2011.

BARNETT, C. Convening publics: the parasitical spaces of public action. In: COX, K.; R.; LOW, M.; ROBINSON, J. (Eds.). **The sage handbook of political geography**. UK: Sage Publications, 2008. p. 403-417.

BECK, U. **Risk society**. Londres: Sage, 1992.

BURNHAM, S. **Stefen Sagmeister installation removed by Amsterdam Police**. Amsterdã: Scott Burnham, 2008. Disponível em: <<http://scottburnham.com/2008/09/stefan-sagmeister-installation-removed-by-amsterdam-police/>>. Acesso em: 24 jan. 2011.

GARDNER, G. **Risk: the science and politics of fear**. Londres: Virgin, 2008.

MITCHELL, D. The end of public space?: people's park, definitions of the public, and democracy. In: _____. **Annals of the Association of American Geographers**. [s.l.]. Routledge, março 1995. v.85, n.1. p. 108-133.

MOUFFE, C. **On the political**. Abingdon – Nova York: Routledge, 2005.

NAGATA, K. Cell phone culture here unlike any other. **The Japan Times** [s.l.], 2 set. 2009. Disponível em: <<http://search.japantimes.co.jp/cgi-bin/nn20090902i1.html>>. Acesso em: 9 jan. 2010.

² O conceito de "participação agonística" é baseado nos estudos desenvolvidos pelo cientista político Chantal Mouffe acerca do modelo de "democracia agonística" (MOUFFE, 2005), que em termos gerais, defende a importância da criação de um espaço simbólico dos esforços construtivos entre as diferentes interpretações de princípios compartilhados.

PLANT, S. **On the mobile**: the effects of mobile telephones on social and individual life. Londres: University of East London, 2006.

SENNETT, R. **The fall of public man**. Londres: Faber and Faber, 1977.

SHELLER, M. Mobile publics: beyond the network perspective. **Environment and planning D: society and space**. [s.l.], 2003. v. 22, n.1. p. 39-52.

STAEHEIL, L. A.; MITCHELL, D. Locating the public in research and practice. **Progress in human geography**. [s.l.], 2007. v. 31, n. 6. p. 792-811.